

OUTRA VEZ NO NORTE

Alaor Chaves

O visitante podia estranhar que uma boiada cruzasse as ruas de uma cidade com 35 mil habitantes. Para aquele vendedor de tecidos, que acabara de tomar no hotel o café da manhã e planejava rondar as lojas da cidade, o episódio era bizarro, e também inconveniente. O ar estava parado, talvez levasse o resto da manhã para que a poeira se assentasse. *Perdi, a manhã*, lamentou o representante comercial. Voltou para seu quarto, tirou o terno que era leve e claro, pois a cidade era muito quente, e esticou-se na cama, lugar melhor para continuar sua lamentação.

Mas a gente da cidade nada estranhou nem lamentou. Estava acostumada ao espetáculo e o apreciava, muitos gostavam de ir ao alpendre ou à janela para ver a passagem da boiada. Alguns tentavam sem sucesso contar o número de cabeças, mas faziam um levantamento bastante para concluir que a boiada era a maior daquele ano. – Boiada do seu Altamiro – informou um homem a outros que saíram do bar para ver a boiada. – Esse, sim, é fazendeiro de dar gosto. Tem fazendão com invernadas para engordar cinco boiadas dessas. E olha só que boiada selecionada, só novilho nelore meio-sangue ou mais; com certeza veio do sul.

Meninos tentavam se aproximar da boiada, por diversão ou para mostrar valentia, e os boiadeiros os afugentavam. – Some daqui, moleque, para de enervar os bois. Se jogar essa pedra eu te mato na taca e no ferrão. – O berranteiro era bom, e caprichava no seu trabalho para impressionar os ouvintes. Procurava também acalmar o gado, que se mostrava desconfortável espremido na rua, rodeado de gente e de casas. A coluna de novilhos se esticou por três quarteirões, pois a rua não era larga e os boiadeiros evitavam compactá-los. Conduzi-los em ordem exigia dos boiadeiros o máximo de sua habilidade e experiência; comandavam os bois com voz calma, imperativa, mas apaziguadora. Demorou, mas a boiada passou, deixando o ar avermelhado de poeira. Mulheres xingavam os maridos por ter aberto as janelas ou a porta do alpendre, enquanto pegavam vassouras e panos de chão para limpar a poeira.

– O prefeito devia proibir – falou uma delas para a vizinha.

– Não vê que o prefeito é um deles, Deolinda? Ele também passa suas boiadas dentro da cidade. São uma tralha, esses fazendeiros ricos.

À noite, um dos assuntos no Clube da Cidade foi a boiada. No Clube, só se via mulher quando havia festa, principalmente bailes. Nas noites comuns, o Clube era um ponto de socialização de homens. Jogava-se buraco e também o truco arrelento, embora os jogadores de truco não fossem bem vindos pelos homens da elite. Gritavam muito e bebiam mais ainda. Alguns jogadores de truco também gostavam de jogar vinte-e-um, mas o presidente do Clube havia proibido qualquer jogo valendo dinheiro. Bebia-se cerveja e destilados. Conhaque Presidente, Domenec ou Dreher, e não faltava a cachaça Havana, feita em Salinas por Anísio Santiago. Os grandes fazendeiros e comerciantes só tomavam Havana, mas não deixavam de se queixar do Anísio, que dobrou o preço da Havana depois que ela ficou afamada. – Dobrou não, triplicou, lembro de quando essa cachaça custava menos que conhaque. – Eu também lembro, prezo o Anísio pelo seu talento, mas o reprovo pela ganância.

Mas queixas e repreensões à parte, nas suas mesas ostentava-se uma garrafa de Havana, além de muito boa ela era um símbolo que distinguia a classe dos seus consumidores. Usavam ternos, esses cidadãos da classe alta, embora a Cidade fosse muito quente, mesmo à noite. No Clube e em outros locais públicos, eles compareciam de terno, mesmo que escolhessem cambraias leves para que o calor fosse mais tolerável. Muitos não dispensavam também a gravata. A gente comum se intrigava com esse hábito, mas não era unânime na sua explicação. Para uns, talvez a maioria, esses ostentosos ternos era usados com o único propósito de distinguir inequivocamente quem era quem na Cidade. Para outros, a explicação era outra. “Em suas fazendas e nas estradas, esses homens ricos têm seus capangas para protegê-los, pois debaixo da sua cordialidade pública há desavenças. Velhacarias mútuas, desentendimentos sobre divisas de terras, dívida não documentada que não é honrada, isso é comum nas suas vidas. E é também comum que não se conciliem e se jurem de morte, e ninguém pode ignorar que volta e meia um desses ricos solenes morre baleado. E poucas vezes se descobre por quem. Sua vida é perigosa, mais perigosa que a nossa. Por isso andam armados, usam paletó para esconder o revólver que trazem à cintura ou abaixo do sovaco.” Essa era a explicação de Evandro, homem da gente comum que muitos ouviam.

Nas mesas de truco e de buraco, naquela noite muito se falou da boiada.

– O Altamiro manda passar suas melhores boiadas dentro da cidade. Essa boiada de hoje foi realmente um arraso, mais de quinhentos bois, e todos de primeira. Mas quando traz boiadas menores, de uns cem bois ou menos, ou se são bois menos vistosos, quando vêm do sul ele sempre manda contornar a cidade.

– Disfarça sua dor de cotovelo, Leôncio.

– Uai compadre, tá me ofendendo por causa de quê?

– Não é ofensa, compadre, é sinceridade. Eu gostaria de ter as terras do Altamiro e o seu dinheiro, mas não tento desfazer dele. Luto para quem sabe chegue lá.

– Alguém sabe de onde vem aquela boiada? – Interveio Osvando para que a discussão não rendesse.

– Deve ser da região do Paracatu. Desde que o Getúlio provocou aquela queda do preço absurdo do gado zebu, fazendeiros de lá têm comprado tourinhos nelore de Uberaba para cruzar com suas vacas pé-duro, como as nossas, e formado gado cruzado, meio sangue e até três quartos. Acho que devemos fazer o mesmo, estamos atrasados.

– É, precisamos fazer isso. Temos grandes matadouros, produzimos charque e carne seca pra todo esse norte, até para a Bahia, mas trazemos gado do sul para engordar e levar ao abate. Tenho pensado em comprar pelo menos cem tourinhos nelores puro sangue de Uberaba, fui a uma exposição de zebu na cidade e fiquei de queixo caído. Custavam o olho da cara, mas agora têm preços aceitáveis. Revendo os tourinhos com muito lucro e guardo uns vinte pra mim, em poucos anos encho minha fazenda de gado cruzado.

– Concordo, Ubaldo, a Cidade não consegue sair muito da condição privilegiada de cruzamento de muitos caminhos. Temos crescido, mas em muitas coisas continuamos tão atrasados quanto o Arraial de Formigas.

Olhares de reprovação se ergueram para Rodolfo, o nome Formigas pertencia a um passado que a Cidade não gostava de lembrar. A Cidade crescia, tinha estrada de ferro para a Capital, de onde vinham produtos para abastecê-la, e também outras cidades do norte. Por via férrea, atacadistas traziam produtos da Capital e os distribuía em caminhões para varejistas locais e das cidades vizinhas. Seus armazéns se enfileiravam na região próxima à estação ferroviária, onde não faltavam também bons bares e prostíbulos, no que os atacadistas não viam mal, pois aquilo atendia também os caminhoneiros e seus ajudantes. Cidade que se preza precisa ter de tudo.

Toda a Cidade era UDN ou PSD. Na elite, a composição das facções era muito clara: os fazendeiros eram UDN, os grandes comerciantes, PSD. As eleições locais movimentavam toda a Cidade. Cabos eleitorais trabalhavam com intensidade, uns por dinheiro, outros por convicção. Os comícios, realizados em grandes espaços, eram enormes, até mesmo porque todos acabavam em churrasco, o que atraía muita gente. Os candidatos e seus apoiadores discursavam sob urras do povo, mas o entusiasmo popular diminuía quando o cheiro da carne assada inundava a praça. E aí todo mundo no palanque concluía que era hora de abreviar as falas, pois ninguém mais queria saber delas. A dimensão dos comícios era medida pelo número alegado de bois sacrificados para a festança, e este era sempre crescente. Três bois, quatro bois, no final sete ou oito. Não se contavam os porcos, que também eram servidos com abundância. E o povão, que é sempre a maioria, ia aos comícios dos dois partidos. No final, todo mundo cheirava a carne assada e a cerveja, e havia arruaças, pois homens embriagados confessavam só ter vindo para comer e beber, pois eram do outro partido. A competência dos candidatos era questionada, a virtude de suas mulheres era mais do que questionada. A polícia continha as querelas, mas com jeito, pois ninguém queria maltratar o eleitorado. Os candidatos a prefeito e a vereador andavam incansavelmente no meio da multidão, com sorrisos largos e abraços a pessoas que depois da eleição sequer cumprimentariam, até mesmo porque não sabiam de quem se tratava.

O governo de Getúlio tinha sido desaprovado por quase todos, e nas eleições de 1950 metade da Cidade votou em Eduardo Gomes, e a outra metade, em Cristiano Machado. E depois da posse de Getúlio a Cidade desfeiteada se alinhou a Carlos Lacerda na crítica ao presidente. À noite, os fazendeiros e comerciantes sintonizavam seus rádios na Rádio Globo ou na Inconfidência para ouvir os discursos inflamados de Carlos Lacerda denunciando o “mar de lama”. A morte de Getúlio foi comemorada. Na eleição de 1955, Juscelino venceu Juarez Távora, e nesse caso quase toda a Cidade apoiou Juscelino, que era mineiro e prometia mudar a capital federal para o centro do país.

Isso havia em parte unido a Cidade. Mas ainda havia desavença na política local. Na campanha que elegeu Juscelino, o candidato do PSD, um médico querido pela população acabou também se elegendo, e sua política estava contrariando muito os interesses dos fazendeiros. O doutor Gustavo havia sido advertido, mas insistia na sua política, que no seu ver favorecia o povo. Era teimoso, esse doutor, era preciso dar um fim nele. Ponderou-se, discutiu-se, divergiu-se, enfim se decidiu pela morte do prefeito. A escolha do matador foi consensual, ele seria o Clementino, que nunca falhava nem deixava rastros.

Clementino era uma dessas figuras que só o sertão produz. Carpinteiro habilidoso, com as mãos calejadas pelas ferramentas, as unhas encardidas de verniz. Pacato, respeitoso e muito religioso. Inegável praticante do bem. Na Cidade, se falava à boca pequena de uma história que o envolvia. Eis a história. Clodoaldo, um fazendeiro, estava em demanda com seu vizinho Ernesto sobre a divisa das fazendas. A ação corria na Justiça já por anos, sem solução e com muita despesa para as partes. Clodoaldo decidiu mandar matá-lo. Ele conhecia o carpinteiro Clementino, mas não sabia desses trabalhos extras que ele também fazia, até que lhe contassem. “Contrata o Clementino, aconselhou seu maior amigo, ele é o melhor, só Deus e vocês dois ficarão sabendo da história.” Clodoaldo decidiu. Não sabia onde morava Clementino, e ele não tinha uma oficina, pois só trabalhava em construções de casas, fazendo telhado, assentando assoalhos e portas. Mas Clementino nunca faltava à missa aos domingos. Ia à primeira missa na Catedral, às sete horas, sempre com suas melhores roupas. Foi lá que Clodoaldo o encontrou, e acertou-se o trato.

Mas nesse mundo acontece de tudo, e a morte deixou de ser necessária. Pois por uma dessas coincidências que parecem intervenção divina, Ernesto procurou Clodoaldo para resolverem amigavelmente a demanda. “Com essa demanda só os advogados saem ganhando, e nem o meu nem o seu faz questão que ela chegue a um fim”, foi a ponderação final de Ernesto. Ambos cederam nas suas pretensões e chegaram a um acordo. Apertaram-se as mãos, tomaram Havana em amigáveis brindes, e se despediram apaziguados e contentes. Isso foi na noite de sexta-feira. Clodoaldo foi dormir especialmente tranquilo, no domingo ele encontraria Clementino e desfaria o trato. No domingo, foi a missa das sete. Foi fácil localizar Clementino, pois ele era dos primeiros a chegar e escolhia um assento na primeira ou segunda fileira de bancos. Com tranquilo, mas severo, lá estava Clementino, com o chapéu na mão e atento à missa em Latim do vigário. Ao terminar a missa, Clodoaldo abordou Clementino na porta da Catedral e caminhou com ele até um local reservado da praça. Explicou-lhe o acordo com Ernesto e a pacificação entre eles. Pagaria a metade do combinado e ficava agradecido pela disposição do profissional em lhe prestar o bom serviço. Clementino olhou o maço de notas, tirou o chapéu, coçou a cabeça com ar de consternação, antes de responder: – Infelizmente, agora é tarde, seu Clodoaldo. Acabei de rezar pela alma do seu Ernesto, seu corpo não tardará em ser encontrado, pode ser até que os carcarás já o tenham achado. Homem bom e muito correto, lamento muito a sua morte.

Clementino foi realmente o contratado para matar o prefeito. Mas seu Mendonça, um fazendeiro de porte médio da cidade, que nem havia sido consultado, pois tinha apoiado a campanha do doutor Gustavo para prefeito, ficou sabendo. Ele e doutor Gustavo eram frequentadores do Clube, ambos eram apreciadores do baralho, do vagaroso jogo de buraco. Clementino seria um competente executor do trabalho.

Trabalho limpo, silencioso, sem sofrimento desnecessário da vítima. E seu Mendonça sabia que o trabalho seria realizado à noite, pois Clementino era infalível no seu trabalho de carpinteiro e dedicava os domingos à missa e à convivência com a família. Seu Mendonça não morava longe da casa do prefeito, às vezes o acompanhava até sua casa antes de seguir para a sua. Resolveu fazer disso uma rotina, isso de alguma forma protegeria o amigo. Seu Mendonça nunca saía de casa sem levar seu revólver 38 de cano curto debaixo do paletó. Aquilo não era proteção bastante contra um homem como Clementino, mas naquela circunstância valia, pois este teria sua atenção focada no prefeito.

Clementino, que também era um frequentador do Clube, embora sem direito a assento nas mesas dos fazendeiros nem dos grandes negociantes, percebeu esse hábito. Não mataria o prefeito na frente de seu Mendonça. Primeiro porque a autoria da morte ficaria conhecida, segundo porque respeitava muito o seu Mendonça, não mataria um amigo dele na sua frente. Pensou em pedir a este que por uma noite arranjasse uma desculpa e deixasse doutor Gustavo ir embora sozinho, mas pareceu claro que isso também o denunciaria. Esperou pacientemente que a rotina falhasse alguma noite, o que nunca aconteceu. O doutor não demorou muito a entregar o cargo de prefeito. Ficou cansado da oposição autoritária dos grandes fazendeiros, e renunciou ao mandato após cumprir dois anos. Seu vice assumiu o cargo, no qual continuou a política do doutor. Ele também foi assediado, e também não sucumbiu às imposições dos fazendeiros. Não durou muito, em seis meses foi encontrado morto numa madrugada.